



COPRECIS
COMISSÃO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA: IDENTIDADE E ALTERIDADE NA CONSTRUÇÃO DO ROMANCE "QUARENTA DIAS"

MFCS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA - UEPB

lela.candido@yahoo.com.br

RESUMO

Nesta pesquisa realizamos um estudo do romance "Quarenta Dias", no tocante aos diversos aspectos que aos poucos estão delineando os sujeitos inseridos em uma sociedade contemporânea, baseando-se na estrutura familiar e nas diferentes formas de opressão contra a mulher, que comumente contribui para a violência psicológica, tanto no que diz respeito a construção da identidade humana quanto no que diz respeito ao reconhecimento sensorial das relações com o outro e consigo mesmo. Em meio à variedade de acontecimentos circulantes na obra, buscaremos alcançar criticamente os sentidos que retratam uma realidade urbana conflituosa na relação entre o "Eu e o "Outro", tendo como fio condutor as relações familiares e a violência psicológica feminina. A pesquisa nasceu motivada pelo interesse em analisar de que forma a violência psicológica reflete na construção da identidade e nas relações de alteridade. O objetivo principal desta pesquisa é dar visibilidade as questões de identidade e alteridade em relação a violência psicológica presentes na construção do romance "Quarenta Dias", possibilitando um deslocamento da obra para uma realidade contemporânea. A metodologia da pesquisa consiste na leitura analítica do romance, atentando para os aspectos do texto em relação aos dispositivos que determinam a violência psicológica contra a mulher. Neste sentido, as reflexões buscaram identificar os mecanismos que contribuem para potencialização da violência psicológica contra a mulher e sua relação com a representação da identidade e alteridade presente no romance, identificando os aspectos sociais e familiares presentes na obra.

Palavras-Chave: Violência Psicológica, Identidade, Alteridade.

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br

INTRODUÇÃO

O Romance "*Quarenta Dias*" tematiza sobre aspectos cotidianos de uma mulher (mãe, professora, viúva e provedora do lar), que se vê diante de uma situação familiar conflituosa entre ela e sua filha, instigando a reflexão crítica a respeito das relações entre o Eu e o Outro na sociedade contemporânea.

A obra apresenta características peculiares sobre as relações familiares entrelaçadas com os conflitos de identidade e alteridade da personagem Alice. O projeto gráfico do livro chama atenção devido ao hibridismo entre palavras e imagens, estabelecendo uma relação de complementaridade no romance. Enquanto o enredo enfatiza a realidade e os apelos sensoriais, as ilustrações retratam um universo mais concreto (pedaços de papel recortados de diversos materiais encontrados nas ruas), que, por sua vez, harmoniza-se com o romance, ao projetar, sentimentos humanos e intensas emoções. Apesar de percebermos esta riqueza de detalhes, neste trabalho centramos no estudo dos aspectos que contribuem para a violência psicológica e a construção da identidade e alteridade presentes no romance.

O livro "*Quarenta Dias*" foi lançado em 2014, recebeu o prêmio do ano como Livro de Ficção. Nossa escolha pela obra como objeto de estudo deveu-se não apenas por se tratar de um livro premiado, mas, por retratar, de maneira singular, questões relativas à violência, identidade e alteridade, discussões atuais e nem sempre abordadas de maneira instigante.

Considerada uma obra contemporânea, dentre vários tipos de violência que acontecem no mundo contemporâneo podemos encontrar no livro intitulado "Quarenta Dias", aspectos que contribuem para violência psicológica. Essa abordagem se dá por meio de um enredo envolvente o qual a autora consegue tratar de conflitos familiares comumente encontrados no cotidiano, abordando o tema das relações familiares a partir do entendimento da violência psicológica em relação às concepções de identidades formadas na interação entre o sujeito e a sociedade, preenchendo assim a noção de espaço interior e exterior, dentro de um espaço pessoal e social em suas relações conflituosas consigo e com o outro.

Diante do exposto, na análise do romance de Maria Valéria Rezende, nossa pesquisa justifica-se pelo interesse em perceber os diferentes sentidos e movimentos na busca da identidade e da alteridade reveladas nas práticas sociais do dia a dia dos sujeitos no mundo moderno. Dentro desta perspectiva, a questão problema que gerencia este trabalho é de que forma(s) as relações familiares centradas apenas no "eu", contribuem para a formação de uma imagem e

das multiplicidades na (re)construção/(re)produção da individualidade, anulando o “outro”, tornando-o identificável, (in)visível e previsível.

2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1- VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA, IDENTIDADE E ALTERIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A violência contra a mulher de um modo geral é demarcada por um absorto instintivo da realidade humana, os quais estão inseridos em uma sociedade patriarcalista e egoísta, como um problema de violação de direitos dos sujeitos, em especial aos das mulheres. Neste sentido, podemos entender que esta prática tornou-se um fenômeno cotidiano que se insere desde o âmbito público até o espaço doméstico, de modo, que o termo “violência” está agregado a diferentes tipos de práticas e de compreensões e, portanto, está relacionado a contextos sociais e a períodos históricos distintos.

Nestas diferentes vertentes de "violência" contra as mulheres, podemos destacar a violência psicológica, tendo em vista que as mulheres comumente são acometidas por esse tipo de violência, deste modo, a violência psicológica passa a ser considerada uma das mais sérias, principalmente, quando esta prática acontece no ambiente doméstico, acometida pelos filhos ou parceiro, pois, tal gravidade é enfatizada a medida que os sujeitos idealizam o ambiente doméstico como um espaço seguro e aconchegante, o qual deveria servir de base para apoio físico e emocional de todos que fazem parte dele, servindo de suporte para enfrentamento e superação das discriminações e não um ambiente onde deve surgir os diferentes tipos de abuso.

Nesta perspectiva, Rezende aborda nesta obra conflitos existenciais em torno do discurso sobre a mulher, demonstrando, em alguns casos, a disparidade entre os valores, as atitudes e ações dos sujeitos, em uma dimensão de mundo que se relaciona com a dimensão de mundo na qual estamos inseridos nos dias atuais, pois, o sentido da vida encontra-se atrelado a busca incessante de bens de consumo, na perspectiva de alcançar o sonho da felicidade, de uma vida plena e satisfatória por meio de bens materiais. Assim, a busca interminável pela felicidade sempre se tornará inalcançada.

A necessidade que o homem sente de construir sentidos para sua existência, já que não os têm prontos, é muito bem retratada na sociedade

moderna e pós-moderna. Segundo Hall (2006, p. 12), esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceituado como não tendo uma identidade flutuante.

Neste sentido, as ações multifacetadas provocadas por Norinha filha de Alice fundamentam-se na proposta de existência baseada na relação egoísta e individualista e com o mundo em que está inserido, ampliando a perspectiva existencial para um olhar em relação à vida como um projeto delimitado por uma modernidade líquida que fazem da vida da personagem Alice uma confusão, despertando assim, uma mudança na personalidade de Alice e, assim construindo um sujeito, que não é único, mas um sujeito criado em consequência das necessidades que circulam nas diversas esferas sociais em relação a necessidade que o homem contemporâneo sente de construir sentidos para sua existência, já que não os têm prontos.

A personagem sente-se invadida emocionalmente e psicologicamente e, desta forma, a autora em sua narrativa consegue despertar o senso crítico e reflexivo do leitor a respeito das relações existentes entre o "Eu" (personagem) e o "Outro" (sujeitos que estão inseridos na sociedade contemporânea em especial em seu seio familiar).

Em relação à percepção individual, Hall (2006) argumenta que:

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num dialogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" – entre o mundo pessoal e o mundo público. [...] A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura (HALL, 2006, p. 11-2).

Assim, as afirmações do autor podem ser vista como uma produção de saberes e sentimentos, no qual, a totalidade na busca por um "eu" irreal nunca se completará, pois, essas transformações sociais são fruto de uma mudança estrutural que fragmenta a individualidade humana.

Dessarte, a obra segue seu enredo abordando dentre outros aspectos as situações vivenciadas e impostas pela sociedade, as quais tornam a personagem Alice constantemente vítima de violência psicológica, provocados por uma relação intrínseca e perspicaz entre o "eu" e os elementos que integram as práticas cotidianas de sua família, na obra, destacada por sua filha e genro. Tais atitudes provocadas por Norinha são permeadas entre tempo e espaço, conduzindo assim, a personagem Alice a sentir-se aprisionada em seu próprio ambiente físico e psicológico, vivendo frustrada e incapaz de buscar liberta-se da relação angustiante entre o sujeito e o mundo moderno, passando a projetar novos desafios, novas perspectivas e novas exigências no modo como se "é" e como se pode

tornar-se a "ser", dentro dos cenários de subjetividades que se entrelaçam para formar um todo, tanto no que diz respeito a construção da identidade humana quanto no que diz respeito ao reconhecimento sensorial nas relações com o outro e consigo mesmo.

De acordo com Chauí (1985, p. 36) a violência é constituída através de uma violação do direito de liberdade, do direito de expressar-se, de ser sujeito constituinte da própria história. Segundo consta na referida Lei, em seu art. 7º, inciso II,

a violência psicológica é entendida como qualquer conduta que [...] cause dano emocional [à mulher] e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.

Desta forma, a pluralidade de identidades das pessoas na modernidade estão fundadas na desconstrução de sua própria realidade humana, ocasionando, assim, diferentes tipos de agressões, em especial a violência psicológica. E, por isto, podemos encontrar na obra "Quarenta Dias" uma tensão vivenciada entre o sujeito e a sociedade, características que demarcam a modernidade, intensificada em cada capítulo com as crises existenciais de Alice protagonista da obra, em decorrência das mudanças de paradigmas entre ela e sua filha.

Neste sentido, essas e muitas outras descrições encontradas no Romance, nos lembram, porém, que a felicidade e a formação de seu próprio "eu" não consiste apenas na riqueza material abundante, mas no relacionamento de sua própria escolha, consigo mesmo e com um mundo humano. Por essa razão, entendemos que a "felicidade" almejada pela personagem não pode ser determinada ou reconhecida através de um objeto de posse ou valor de mercado agregada à expectativa de poder consumir como assim acredita Norinha ao presentear a mãe com um apartamento moderno e luxuoso.

Sem ignorar as mudanças que vão se operando na construção identitária do homem, Stuart Hall (2006) se vale das palavras do filósofo conservador Roger Scruton, quando este argumenta que:

A condição de homem (sic) exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo — como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar (SCRUTON *apud* HALL, 2006, p. 48).

Neste sentido, percebemos um transitoriedade da vida, em relação as motivações do ser humano para a comunicação coletiva ou corporal,

em detrimento ao isolamento individual; na perspectiva de um novo modo de olhar para as coisas da vida, um modo que retire da sociedade do peso contínuo vivenciado a cada dia, deixando-o leve.

Logo a sensação que envolve este romance é a necessidade de guardar sentimentos como força definitiva para a razão humana, em uma relação com o passado e o presente, identificando-se em relação às inquietudes que já se fazem ouvir nos acontecimentos vivenciados, numa intensa sensação de resgate que envolve a trajetória de uma vida, em direção a uma inspiração humana e social.

2.2- ANÁLISE DO CORPUS

As páginas iniciais do livro "40 Dias" leva o leitor ao questionamento sobre a postura de Alice como uma mãe dedicada ou como mãe egoísta. É inegável que a personagem principal do livro não é a senhorinha recatada e doméstica esperada por sua filha. Todavia, sua postura e suas ações levam o leitor a refletir sobre as convenções sociais e sobre como seu destino aparece na obra.

Por meio de uma escrita pessoal em um caderno velho, a personagem do romance busca apresentar peculiaridades marcantes de uma era modernista, vinculada ao consumismo na relação entre regozijo e a ausência de afetividade de sua filha, revelando novas experiências de vida e, assim abrindo um leque de descobertas entre a realidade e a diversidade, despertando ainda, um olhar diferenciado sobre suas leituras e vivências de mundo na busca por novos demarcadores sociais do que é ser feliz.

Deste modo, a motivação da obra gira em torno dos acontecimentos ocorridos entre mãe e filha, a partir da descoberta da gravidez de Norinha, filha de Alice. Em consequência de tal acontecimento, Alice é obrigada a mudar toda sua vida física e emocional, para assim, atender as necessidades de sua filha, ao modo, que Norinha julgar conveniente para si mesma. Tais diálogos e situações impositivas referente as mudanças passam a causar danos à saúde psicológica de Alice, tendo em vista, que ela não aceitava a mudança repentina que sua filha desejava fazer em toda sua vida. Para alcançar tais objetivos, Norinha utilizava-se sempre de argumentos emocionais e egoístas e, assim, pressionar Alice a seguir o destino desejado com vistas a atender suas necessidades pessoais, pois, Norinha acreditava que Alice na posição de avó tinha o dever de abandonar tudo e ir tomar conta do neto. Conforme Romanelli:

uma das transformações mais
significativas na vida doméstica e



que pendura em mudanças na dinâmica familiar é a crescente participação do sexo feminino na força de trabalho, em consequência das dificuldades econômicas enfrentadas pelas famílias. O fato de as mulheres, em particular as esposas, tornarem-se produtoras de rendimentos e parceiras importantes na formação do orçamento familiar, confere-lhes nova posição na estrutura doméstica e tanto altera os vínculos que as unem ao marido e aos filhos, quanto contribuem para o redimensionamento da divisão sexual do trabalho (ROMANELLI, 2000, p. 77).

Nesta perspectiva, de forma simples e clara, mas não menos profunda, Rezende constrói um texto onde se entrelaçam o conflito, amor, decepção, individualismo e passividade. Assim, as reflexões que a personagem faz sobre os dilemas existenciais, relacionam-se a aspectos da subjetividade do indivíduo e sua situação intrínseca em relação com o meio em suas possíveis escolhas. Desta maneira, o romance vai além de uma simples visão de práticas e atitudes familiares; pois, a autora traduz, na eficácia de sua linguagem, a dor humana, a dor de quem enfrenta a morte existencial e a descentralização de sua identidade individual em consequência de uma identidade sociológica, provocada pelas imposições de uma das personagens, interpeladas por discursos elitizados e padronizados, possibilitando o rompimento dos laços afetivos entre a família.

Neste sentido, reconhecemos, que embora seja a identidade que nos caracteriza e nos define, não se pode mais concebê-la como algo individual e pessoal, já que ela está inserida nas relações de representações sociais ancoradas numa visão individualista (Hall, 2006). Tendo em vista que o sujeito constrói-se estabelecendo sucessivos processos dinâmicos, projetando novos desafios, novas perspectivas e novas exigências no modo de como se "é" e como se pode tornar-se a "ser". Neste panorama Bauman (2009) enfatiza que:

Em nosso mundo de "individualização em excesso, as identidades são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como dizer quando se transforma no outro. Na maior parte do tempo, essas duas modalidades líquido-modernas coabitam, mesmo que localizada em diferentes níveis de consciência.(p. 38)

Por esta ótica, podemos observar que o autor expressa suas preocupações com as questões sociais, implicadas no processo de modernização, levando em consideração a condição humana do sujeito diante da nova realidade moderna, que se distancia da realidade humana e afetiva entre os sujeitos no mundo moderno. Ainda de acordo com Bauman:

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



nem-um-nem-outro, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, É o herói popular, estar fixo não ser identificado de modo inflexível e sem alternativa não é algo cada vez mais malvisto (BAUMAN, 2005 p. 35).

Em seu posicionamento o autor deixa claro que, o reconhecimento de seu próprio "eu" passa por diversos estágios de amadurecimento intercultural, a partir, da inversão de valores e sentidos. Neste sentido, observa-se que o processo na heterogeneidade identitária interfere progressivamente no modo como as pessoas se relacionam entre si.

Assim, o comprometimento instável dos sujeitos com os novos aspectos modernistas delinea uma fragilidade nos contornos da alteridade humana, e conseqüentemente provoca desgaste na personalidade do homem, produzindo assim, novas identidades, que nem sempre são benéficas para consigo mesmo e para como o outro, claramente identificado quando Alice confessa todas as suas crises existenciais provocadas por sua família escrevendo em um caderno velho de folhas amareladas, tomando-o como uma espécie de diário pessoal.

Em meio as múltiplas contradições vivenciadas por Alice em um mundo transitório e moderno, seus próprios questionamentos permeiam por reflexões que a direciona a tentar a todo momento compreender o que realmente é importante para sua vida e, o que a torna um sujeito convicto de suas escolhas, levando em consideração que até então tinha sua própria vida e suas próprias escolhas.

Este processo de transição desequilibrada e forçada que Alice está vivenciado em determinado momento de sua vida, desencadeia em toda sua estrutura psicológica e emocional um movimento de crise de identidade sociológica, ocasionado, logo após a saída de sua casa, de sua cidade, de seu ambiente, determinando assim, o seu desequilíbrio emocional, agregado a solidão, a falta de ação e a angústia, tornando-se refém de sua própria base identitária de dupla personalidade (uma que deseja ser livre e dona de seus próprios anseios e outra que se sente encurralada pela pressão psicológica de sua filha), sentido-se indiferente e irreconhecível diante de tais acontecimentos, passando a ser vítima de uma violência psicológica provocada por seus familiares desestabilizando seu mundo social e individual.

Assim sendo, a violência psicológica seja ela individual ou coletiva, tem por fundamento provocar a descontinuidade e a incerteza, não só em relação às pessoas, mas também em relação ao mundo e as diferentes adequações que os sujeitos devem se submeter, para poderem integrar-se no mundo moderno de acordo com os valores atribuídos e impostos pela sociedade, como podemos perceber no romance

"Quarenta Dias" que durante todas as visitas de Norinha a casa de sua mãe Alice fica evidente a confusão de sentimentos pelas quais a personagem passa, a medida que desvela um lado oculto de seus pensamentos e sentimentos, ocasionados pela insistência incansável de Norinha para que sua mãe mude-se para Porto Alegre e assim ajude-a com seu filho.

No entanto, o que observamos é que Norinha, não acredita na existência do "eu" imutável, deixando claro para sua mãe que todos os seres devem viver na mutabilidade dos desejos dos outros. Todavia, embora Norinha perceba que Alice sente medo dessa nova mudança não cessa a insistência acompanhada de pressão psicológica para com a mãe. Tais insistências realizadas não só por Norinha, mais, também pelas pessoas que demarcam as imposições sociais como genro e amigos são tão intensas que Alice aceita a proposta de sua filha, mesmo sabendo que tal aceitação estava acontecendo contra seus princípios e desejos. É a partir daí, que surgem as constantes transformações na vida de Alice do mudar por mudar sem nenhum sentido ou propósito para si mesma, formado pelas características do novo, passando a sentir-se anulada sem sentido nenhum para sua existência, já que a tinham arrancado brutalmente de seu ambiente anulando sua identidade. De acordo com Minayo (2009, p. 135):

um fenômeno humano, social e histórico que se traduz em atos realizados, individual ou institucionalmente, por pessoas, famílias, grupos, classes e nações, visando prejudicar, ferir, mutilar ou matar o outro, física, psicológica e até espiritualmente. No conceito de violência está incluída a idéia de omissão, que aceita e naturaliza maus tratos ao outro individual ou coletivo.

Neste sentido, reconhecemos que é claro como os personagens do romance são protagonistas e vítimas de tais violências, mesmo que acometidas involuntariamente por seus familiares e amigos. Norinha é um sujeito que está em constante modificação, vai se moldando de acordo com o contexto determinado no momento, vislumbrando apenas a necessidade de viver o presente, e assim arrastando sua mãe e impondo com suas atitudes e palavras que ela dispense as recordações passadas ou perspectivas futuras e passe a pensar apenas no presente assim como ela.

A relação atenciosa que a autora nos apresenta entre o "eu" e o "outro", delimitados por meio de uma abstração entre espaço e tempo entre as relações familiares e psicológicas nos remete a pensar no desejo que a protagonista sente de liberta-se da relação angustiante entre o sujeito e o mundo moderno e, assim, poder agarrar-se à vida, no seu mais íntimo desejo de felicidade.



...Vou me acalmando desse jeito. Foi bom botar pra fora essa coisa toda, dizer claramente pra mim mesma o que tinha vergonha de dizer a qualquer pessoa, vergonha de dizer o que minha filha fez comigo?, ou da minha raiva, do meu próprio egoísmo?, é egoísmo querer ter minha própria vida? Diga-me, Barbie, você que nasceu pra ser vestida e despida, manipulada, sentada, levantada, embalada, deitada e abandonada à vontade pelos outros, você é feliz assim?, você não tem vergonha?, eu tenho vergonha de ter cedido, estou lhe dizendo, vergonha (REZENDE, 2014,p. 42).

Nesta perspectiva, Alice torna-se um sujeito moldado pelos preceitos delimitados por sua filha, anulando assim, a liberdade de sua própria escolha, vivenciando a realidade do cotidiano desse jogo dinâmico da violência psicológica, ao mesmo tempo que se questiona sobre como esta “condição de violência” pode cegar os diversos sujeitos pertencentes a esse universo, tornando-se prisioneira de seu próprio "eu", paralisada, imobilizada enxergando tudo a seu redor como um ambiente hostil sem perspectivas, apenas com o sentimento de aprisionamento de seu próprio mundo em um jogo dinâmico que se estabeleceu com os sujeitos familiares.

Percebe-se assim, que na sociedade contemporânea o outro tem pouco espaço, nas várias escolhas de vida dos sujeitos inseridos em um mundo contemporâneo e moderno, tendo em vista, que os valores vão se esvaziando dando lugar a figuras de autoridades frágeis, instituições falidas e violências extremas.

De acordo com de Rocha (1996):

A violência, sob todas as formas de suas inúmeras manifestações, pode ser considerada como uma vis, vale dizer, como uma força que transgride os limites dos seres humanos, tanto na sua realidade física e psíquica, quanto no campo de suas realizações sociais, éticas, estéticas, políticas e religiosas. Em outras palavras, a violência, sob todas as suas formas, desrespeita os direitos fundamentais do ser humano, sem os quais o homem deixa de ser considerado como sujeito de direitos e de deveres, e passa a ser olhado como um puro e simples objeto.

Desse modo, adentrar no ambiente moderno considerado por Alice um ambiente prisional causou um grande impacto, repulsa e estranheza para ela e, ao olhar então, para sua filha, genro e amigos, imagina-se em uma longa trajetória, carregada de vivências e experiências, permeada por tantas relações e brutalmente deixadas para traz.

Já não sou capaz de reproduzir assim, detalhadamente, em sequência quase exata, os caminhos que percorri depois que me soltei de uma vez, à deriva de corpo e alma. Esses já não eram propriamente caminhos, eram sucessivos buracos, frestas, rachaduras na superfície da cidade pelas quais eu ia passando de mundo em mundo, ou era vagar por mundo nenhum... (REZENDE, 2014,p. 42).p. 102).

Neste momento, podemos perceber que há uma ideia de passagem de fluidez na busca de sua identidade humana, a qual nos remete uma crise interior consigo mesmo, na busca de seus referenciais de auto-reconhecimento do sujeito para dar sentido a vida mediante as condições reais vivenciadas por Alice.

A simultaneidade entre palavras, pensamentos e desabafos que configura este Romance adentram de forma intensamente afetiva, compondo os sentidos e os movimentos da vida, permitindo, assim, um posicionamento ativo na reflexão sobre as condições de verdade de uma individualidade humana em uma era moderna, bem como princípios conceituais básicos que faz um arranjo cuidadoso de traços que definem a vida através de um ritmo individual e egoísta na busca de sua própria satisfação.

A esse respeito Bauman (2009) enfatiza que o sucesso da busca da felicidade, propósito declarado e motivo supremo da vida individual, continua a ser desafiado pela própria forma de obtê-la (a única forma pela qual ela pode ser buscada no ambiente líquido-moderno) (p. 20)

Nesta perspectiva, podemos entender que estamos dentro de dois cenários de subjetividades que se entrelaçam para formar um todo, pois é necessário dentro destes cenários a construção da identidade humana e o reconhecimento sensorial de uma relação com o outro e consigo mesmo e, é por meio destes, que cada um terá a oportunidade de reconhecer-se como "indivíduo" único, e assim seguir sua própria estratégia de vida na busca de uma felicidade plena.

Portanto, a violência psicológica destacada na obra "Quarenta Dias" é claramente provocada pela família (filha e genro), baseada nas relações de poder sentimentais que são utilizados para transformar a vida de Alice em objeto manipulável, gerando assim, consequências de ordem física e psicológica. Deste modo, é mister destacar que esse fenômeno não está condicionado apenas ao espaço físico e territorial determinado, mais sim aos laços e relações mantidos entre os sujeitos que se mostram como determinantes para qualificar e determinar como o curso da vida deve seguir.

Alice, não queria deixar a Paraíba, mas sua filha, Norinha, seu genro e algumas pessoas próximas insistiram tanto que ela sentiu-se praticamente obrigada a deixar a cidade onde vivia e seguir destino para viver em Porto Alegre. Seu estilo de vida já estar planejado e organizado por sua filha, de modo que Alice deveria adotar um novo estilo de vida a começar por dedicar a maior parte de seu tempo ao seu neto onde e quando Norinha determinar. A partir daí a autora descreve as dificuldades

vivenciadas por aquela mulher que busca a afirmação de um caminho autônomo, de um lugar existencial e de uma justificativa para tais situações comportamentais, tentando responder às suas próprias perguntas e angústias: quem sou eu? quem são eles? quem é minha filha? por que eu vim?, sentindo-se deslocada de seu próprio eu, em um ambiente que não reconhece, não de adapta.

Verifica-se assim, que o processo de criação e recriação desta mutabilidade de sentimentos e atitudes nos dar a possibilidade de experimentação e fusão de diferentes nuances da vida, todavia, Hall (2003) destaca as dificuldades enfrentadas com a dupla escolha de duas forças mutuamente contraditórias (individual e social), pois as mesmas podem causar misturas de identidades humanas em seus diferentes papéis assumidos diariamente e assim tenderem a perder sua originalidade tornando-se indeterminada.

Aquela canseira foi me amolecendo, dia a dia, me dando uma desistência, e nem lembro direito se foi a própria Norinha ou sua aliada-mor, Elizete, quem me arrojou num canto da parede: Você vai pra Porto Alegre, sim, e não se discute mais isso, todo mundo vê que é o melhor, é sua obrigação acompanhar sua filha única, só você é que não aceita, parece um jumento empacado na lama, continuar com uma besteira dessas. Eu cedi, vergonhosamente. Foi isso. O resto é consequência”, lamuria a personagem que até então se recusava em se tornar “avó profissional”.... (REZENDE, 2014).

Assim, os sentimentos da personagem podem ser vistos, como uma totalidade na busca por um eu irreal que nunca se completará, pois, essas transformações sociais são fruto de uma mudança estrutural que fragmenta a individualidade humana em relação às inquietudes que já se fazem ouvir nos acontecimentos vivenciados, num intenso desejo de resgate que envolve a sua própria trajetória de vida.

Além dessas definições, podemos considerar alguns traços que podem ser considerados como caracterizadores da obra, pois a autora permite ainda em sua obra, que o leitor analise o enorme repertório de conhecimentos na variedade de processos sociais que podemos mobilizar ao nos reconhecermos como "eu", sistematicamente demarcados em cada capítulo.

Isso nos é evidenciado quando, perambulando pela periferia da capital, a protagonista nos revela um cenário de pobreza onde pessoas passam por problemas diversos e absurdos, mas também estão dispostas a de alguma forma, ajudar os outros. Alice andou pelas ruas de Porto Alegre, dormiu em praças, rodoviárias, hospitais, conheceu pessoas, algumas nordestinas como ela, ouviu histórias de vida, fez amigos. Como a Alice, vivendo em sua

aventura libertadora inusitados encontros e grandes descobertas daquele ambiente desconhecido.

Neste sentido, a autora evidencia nesta obra a constante modificação da personagem que vai se moldando de acordo com o contexto ao qual está inserida, determinado no momento, fazendo com que, este vislumbre apenas a necessidade de viver o presente, dispensando as recordações passadas ou perspectivas futuras, e assim, despertando uma frágil construção de identidade, sem nenhuma base sólida de referência de seu próprio "eu".

Nesta perspectiva, o romance dialoga com a realidade humana e social dos sujeitos que estão constantemente na busca pela felicidade e satisfação pessoal, de modo, que tais atitudes acabam provocando o que iremos chamar de violência psicológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente artigo conclui-se, que o intuito de retomar o sentido humano por meio de um olhar diferenciado, com foco nas relações do EU e do Outro, nos trouxe reflexões em relação a um olhar sistêmico e delicado sobre a violência psicológica e conseqüentemente a construção de identidades demarcados no horizonte singular, que de forma significativa contribuiu para repensar os conceitos e as próprias relações humanas em especial as relações familiares.

Como vimos, a construção da identidade nos dias atuais está diretamente ligada a existência de uma autoimagem positiva, conferida pelas tendências de encontrar em si qualidades que agradam não apenas a seu EU, mas a conceitos e normas delimitados pela sociedade que visam apenas o seu eu individual. Nesta perspectiva, as reflexões aqui apresentadas demonstram os dilemas em que os indivíduos se encontram, ao mesmo tempo em que o comportamento individual demonstra uma busca de construção da imagem pessoal.

Assim, com o intuito de retomar o sentido humano por meio de um olhar diferenciado, com foco nas relações do EU e do Outro, pudemos perceber que a personagem sofre gravemente de uma violência psicológica a medida que não consegue mais enxergar o resgate afetivo das relações humanas, demarcados nas atitudes de sua filha.



REFERÊNCIAS

ADEODATO, Vanessa Gurgel et al. Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. Revista de Saúde Pública, v. 39, n. 1, fev. 2005 (online). Disponível em: Acesso em: 15 maio 2006.

BAUMAN, Zygmunt.. **Identidade:** entrevista a Benedito Vecchi/Zygmunt Bauman. Tradução, Carlos Alberto Medeiros- Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida.** Tradução, Carlos Alberto Medeiros - Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia.** São Paulo: Saraiva, 1988.

CHAUÍ, M. **“Participando do debate sobre mulher e violência”.** **Cadernos Perspectivas Antropológicas da Mulher: sobre mulher e violência,** vol. 4. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. EUA, 1948. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/integra.htm> Acesso em: 25/05/2017.

HALL, Stuart.. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Seis características das mortes violentas no Brasil. Revista Brasileira de Estudos da População, Rio de Janeiro, v.26, nº 1, jan/jun 2009.

ROCHA, Z. Paixão, violência e solidão: o drama de Abelardo e Heloísa no contexto cultural do século XII. Recife: UFPE, 1996.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). A família contemporânea em debate. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.